

Catástrofe no Rio Grande do Sul, mudanças climáticas e opinião pública

Ana Cláudia Pompeu Torezan Andreucci

Universidade Presbiteriana Mackenzie (Professora), Faculdade de
Direito, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0000-0003-3625-905X

Marina Cardoso de Pinna Rodriguez

Escola Superior de Propaganda e Marketing (Especialista em
Comunicação com o Mercado), São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0009-0005-3683-3404

Resumo

Este artigo tem como intenção principal tecer reflexões, ainda que introdutórias, dado o pouco tempo decorrido de seu objeto e o caráter breve deste texto, sobre as enchentes que acometeram o Estado do Rio Grande do Sul no primeiro semestre de 2024 e seus efeitos na formação da opinião pública a respeito das mudanças climáticas. Para tanto, utilizou-se o arcabouço teórico de autores como Arnold van Gennep, Byung-Chul Han, Walter Lippmann e informações extraídas de matérias jornalísticas.

Palavras-chave

Comunicação; Relações Públicas; Mudanças climáticas.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo realizar um exercício de observação da formação da opinião pública sobre as mudanças climáticas com a ocorrência da calamidade que acometeu o Estado do Rio Grande do Sul em 2024. Para tanto, foi utilizado o arcabouço teórico de autores como Arnold van Gennep, Byung-Chul Han, Walter Lippmann e informações extraídas de matérias jornalísticas publicadas em maio e junho de 2024.

O conceito de que as mudanças climáticas são causadas, em grande parte, pela ação humana foi formalmente abordado pelos relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), com alertas endossados por instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU), que endereça o tema anualmente na Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (COP).

Instituições científicas atribuíram em grande parte às mudanças climáticas as chuvas torrenciais que acometeram o Rio Grande do Sul em abril e maio de 2024 com consequências catastróficas.

O tema se mostra urgente e pertinente também ao campo da Comunicação. Por esse motivo, ainda que dentro de todas as suas limitações, este artigo tem como intenção contribuir com reflexões iniciais sobre os possíveis efeitos que a calamidade ocorrida no Rio Grande do Sul possa exercer sobre a formação da opinião pública a respeito das mudanças climáticas.

2 Uma tragédia anunciada

A grande chuva que se abateu sobre o povo gaúcho teve início em 27 de abril e ganhou força dois dias depois. Conforme relata o site de notícias G1, o dilúvio “se estendeu por mais de 10 dias, sobrecarregando as bacias dos rios Taquari, Caí, Pardo, Jacuí, Sinos e Gravataí, que transbordaram, e a água invadiu municípios, arrasando cidades e destruindo vidas”.¹ A água chegou à Lagoa dos Patos, inundando de forma dramática Pelotas e Rio Grande, e ao Guaíba, afetando a capital Porto Alegre, conforme o gráfico abaixo, com informações da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA).

¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghml>.

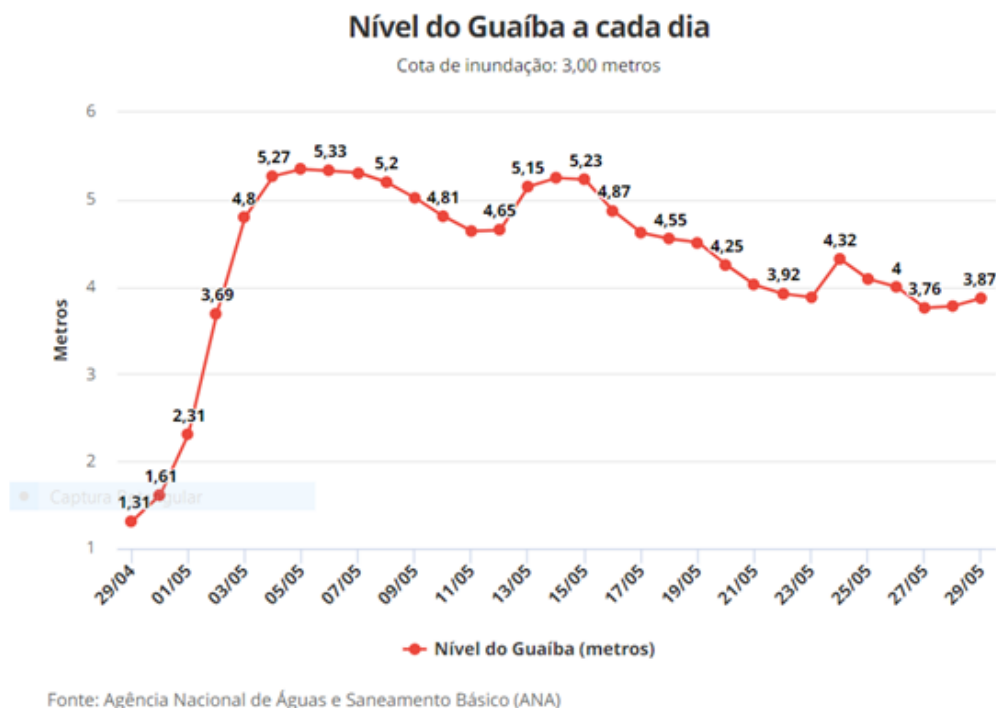


Figura 1: Medição do Guaíba em abril e maio de 2024.

Um evento de magnitude semelhante, todavia menor, havia acontecido na região somente uma vez, em maio de 1941, quando as águas do Guaíba chegaram a 4,76 m acima do nível normal. Em 1967, uma inundação de proporção menos devastadora motivou a criação de um sistema de proteção contra alagamentos, que supostamente seria capaz de resguardar Porto Alegre em casos de cheias de até seis metros,² mas que se mostrou insuficiente em 2024.

A catástrofe recente é atribuída não apenas à ineficácia desse sistema de proteção, mas a características geográficas e a transformações do clima que acometem especificamente a região há seis décadas, tornando-a propensa a precipitações extremas, e que seriam intensificadas pelas mudanças climáticas.³ De acordo com um estudo do World Weather Attribution (WWA), grupo internacional de cientistas que analisa a relação entre as mudanças do clima e eventos extremos específicos, as mudanças

² Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs>.

³ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/agenda-verde/por-que-o-rio-grande-do-sul-e-tao-vulneravel-aos-extremos-do-clima>.

climáticas dobraram a probabilidade de o Rio Grande do Sul ser atingido por chuvas torrenciais.⁴

3 Às margens de um ponto de virada

Passados quase três meses desde o início do dilúvio que abateu a região, pergunta-se, talvez precipitadamente, dado o caráter recente da tragédia, se a calamidade teria o poder de influenciar a opinião pública a respeito das mudanças climáticas, opinião esta instigada de forma polarizada por estudos e pesquisas científicas e pelos chamados negacionistas climáticos. Assim como o Planeta Terra estaria supostamente no limiar de uma nova era, ocasionada pelas mudanças climáticas, estaria também o entendimento da população sobre o tema em questão – mudanças climáticas -- às margens de um ponto de virada?

A publicação Estudos de Comunicação e Relações Corporativas da Aberje, Edição 107, 2021, intitulada “Dossiê ESG”, trouxe um histórico sobre o tratamento do tema por empresas e investidores:

Até 2019, a sustentabilidade ainda não estava no radar dos investidores no Brasil, fazendo parte apenas das avaliações de alguns investidores na Europa e nos Estados Unidos. No mesmo ano, os poucos participantes de um evento do Pacto Global organizado no Brasil revelaram que, em geral, o interesse pelo tema nos bancos e nas gestoras de investimento em que trabalhavam era mínimo (p. 19 e 20).

Ainda de acordo com a publicação, em 2020 os aspectos pertinentes ao acrônimo ESG (Environment, Social and Governance, em inglês, ou fatores Ambientais, Sociais e de Governança, em português), entraram para a agenda de investidores e, por conseguinte, das empresas, por conta da apuração de temas materiais e indicadores relacionados a potenciais riscos ao desempenho dos negócios.

No ano seguinte, em 2021, o escritor John Elkington, descrito por muitos como “o pai da sustentabilidade”, explicou no evento online Expert XP ESG que a humanidade se encontra em um ponto de virada para um novo modelo de economia, em

⁴ Disponível em:

<https://www.worldweatherattribution.org/climate-change-made-the-floods-in-southern-brazil-twice-as-likely/>.

que um progresso exponencial deve se materializar na forma de criação de riqueza econômica, social e ambiental, tendo como objetivo um avanço integrado nas três dimensões:⁵

O mundo muda gradualmente até o de repente chegar (...), o ser humano não consegue enxergar mudanças exponenciais até que elas, de fato, apareçam para mudar completamente o cenário. Tais mudanças serão cada vez mais presentes em nosso dia a dia e uma delas deverá ser a maneira como as pessoas e empresas lidam com a natureza. Se nada for feito, a escala dos problemas que iremos enfrentar será enorme e acontecerá de repente. (RESEARCH XP, 2021, n. p.)

Arnold van Gennep, em *Os Ritos de Passagem*, discorre sobre os ritos de separação, os ritos de agregação e os ritos de margem, sendo estes últimos característicos de momentos e períodos de transição como gravidez, noivado, iniciação e passagem entre classes de idade sendo que, em alguns casos, a margem é desenvolvida o bastante para constituir uma etapa autônoma (GENNEP, 2013, p. 29).

Ao explicar o seu esquema dos ritos de passagem, Gennep salienta que o indivíduo e a sociedade dependem da natureza, do universo, e que os ritmos destes afetam a vida humana. Para ele, “também no universo há etapas e momentos de passagem, marchas para adiante e estágios de relativa parada, de suspensão”. Ele defende que, portanto, deve-se associar as cerimônias de passagens humanas às que se relacionam com as passagens cósmicas, a exemplo de cerimônias da lua cheia, solstícios, equinócios e viradas entre um ano e outro (GENNEP, 2013, p. 29).

Gennep classifica os ritos, ainda, de acordo com a sua ação direta ou indireta. Ritos diretos são aqueles sem intervenção de um agente autônomo, enquanto os ritos indiretos são desencadeados por um choque inicial, “que põe em movimento uma potência autônoma ou personificada, ou uma série inteira de potências”. Logo, “o efeito do rito direto é automático, e do rito indireto faz-se por ação de retorno” (GENNEP, 2013, p. 26).

A opinião pública da população brasileira sobre as mudanças climáticas estaria em um limiar, em um estágio “de relativa parada, de suspensão”, considerando que as passagens humanas estariam associadas às passagens cósmicas, da natureza, tal qual

⁵ Disponível em:

<https://conteudos.xpi.com.br/expert-esg/o-mundo-muda-gradualmente-ate-o-de-repente-chegar/>.

postula Gennepe? Seria essa passagem caracterizada, assim como anuncia Elkington, por mudanças graduais, percebidas somente quando “o de repente chegar”?

Ou poderia a calamidade no Rio Grande do Sul fazer as vezes do “choque inicial”, também descrito por Gennepe, desencadeando um rito indireto em que as atenções do público se voltariam para aquele que é apontado como o principal fator causador da calamidade: o fenômeno das mudanças climáticas?

4 Imagens do mundo e negacionismo

Em Opinião Pública, Walter Lippmann afirma que o ser humano “não é um Deus aristotélico contemplando a existência numa olhadela”, mas “uma criatura da evolução que pode abarcar somente uma porção suficiente da realidade que administra para a sua sobrevivência”, criando em sua cabeça uma imagem do mundo que está além de seu alcance (LIPPMANN, 2023, p. 40).

Lippmann ensina que a opinião pública é formada, individualmente, pelas imagens que os seres humanos possuem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos. Ao passo que a Opinião Pública, com letras maiúsculas, é o conjunto das imagens feitas por grupos de pessoas. A formação das imagens internas é limitada por fatores como censuras artificiais (a exemplo de informações omitidas por fontes oficiais), limitações do contato social, falta de tempo para assuntos públicos, bem como “o temor de enfrentar aqueles fatos que parecem ameaçar a rotina estabelecida das vidas humanas”, aspecto que pode ser diretamente relacionado ao impacto catastrófico que as mudanças climáticas invariavelmente teriam não só no dia a dia, mas na sobrevivência da humanidade (LIPPMANN, 2023, p. 40-41).

O acesso superficial ou inexistente a notícias de fontes confiáveis e a pesquisas científicas, bem como a recusa ao contato com uma realidade potencialmente devastadora, são por si só razões para o precário embasamento da formação da opinião pública acerca das mudanças climáticas.

Mas o negacionismo, ato que pode ser definido como a recusa em aceitar uma realidade empiricamente verificável e que possui ampla influência na polarização das opiniões sobre as mudanças climáticas, também não escapou a Lippmann:

[...] nos códigos que estão sob a influência da ciência, a concepção é conhecida por hipótese, enquanto nos códigos que vêm do passado sem serem examinados ou emergem das cavernas da mente, a concepção não é tomada como uma hipótese demandando prova ou contradição, mas como uma ficção aceita sem questionamento. Um moralista que se submete à disciplina científica sabe que, embora não saiba tudo, está a caminho de saber algo; o dogmático, utilizando um mito, acredita que ele próprio partilha do discernimento da onisciência (LIPPMANN, 2023, p. 118)

O autor menciona, também, as distorções e simplificações de informações para a formação da opinião pública (Lippmann, 2023, p. 40-41), que poderiam ser pertinentes aos atuais efeitos das mídias sociais e seus algoritmos, e que remetem a um pensador contemporâneo, Byung-Chul Han. Em seu livro *Do Desaparecimento dos Rituais*, este último afirma que a perda do simbólico e a perda do ritual reforçam-se mutuamente, e que o desaparecimento dos símbolos se refere à atomização da sociedade, que se torna narcisista.

O fim dos rituais, fenômenos que fazem com que uma pessoa tenha que “esquecer de si mesma”, vem junto com o fim da percepção simbólica, intensiva. Em seu lugar surge a percepção serial, que é extensa, compulsiva, excessiva, característica da comunicação digital e da “infodemia”, nome atribuído pela OMS à superabundância de informações — verdadeiras ou falsas — inclusive sobre temas com abordagens negacionistas como os movimentos antivacinas, terraplanistas e os que negam que as mudanças climáticas se deem pela ação humana.

O fenômeno postulado por Han faz com que os indivíduos favoreçam os estados subjetivos em detrimento às formas objetivas, informando-se somente por meio de, por exemplo, conteúdos recebidos pela mídia social e que reforçam vieses e crenças construídas dentro de bolhas de informação, ignorando ou mesmo evitando conteúdos desenvolvidos por instituições do jornalismo (HAN, 2020, p. 10-11).

Teria o caráter catastrófico das inundações do Rio Grande do Sul o poder de influenciar as imagens formadas acerca das mudanças climáticas, despertar o interesse por pesquisas científicas sobre o tema ou ao menos amenizar discursos negacionistas?

Um levantamento do Instituto Quaest divulgado no dia 9 de maio apontou que 99% dos brasileiros veem uma relação entre as mudanças climáticas e as enchentes no Rio Grande do Sul, sendo que 64% dos entrevistados afirmaram acreditar que a tragédia estaria totalmente ligada às mudanças climáticas, ao passo que 30% disseram crer que a relação se daria somente em parte, 5% disseram que a conexão era baixa, e 1% afirmaram não enxergar ligação.

Dados do Instituto Datafolha divulgados em julho, por sua vez, mostram que os brasileiros parecem estar preocupados com o tema: 52% veem as mudanças climáticas como um risco imediato, 43% acreditam que tais riscos ficarão para futuras gerações, e 58% avaliam que a humanidade não conseguirá deter as mudanças climáticas.

5 Considerações finais

Por todas as limitações do exercício reflexivo contido neste texto, as indagações acima podem ser melhor elaboradas e exploradas em outros artigos e estudos, com mais profundidade e até mesmo com dados de pesquisas que ainda estão por ser realizadas.

Referências

CLIMATE CHANGE, El Niño and infrastructure failures behind massive floods in southern Brazil. **World Weather Attribution**, 2024. Disponível em: <<https://www.worldweatherattribution.org/climate-change-made-the-floods-in-southern-brazil-twice-as-likely/>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

COMO RECONSTRUIR O RS e o que fazer para evitar novas tragédias climáticas no País? **O Estado de São Paulo**, 2024. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/podcasts/dois-pontos/tragedia-climatica-no-rs-o-que-aconteceu-e-como-reconstruir-o-estado-dois-pontos/>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

DE 1941 A 2024: por que as enchentes são desafio constante no RS. **Revista Veja**, 2024. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

ELKINGTON, John. **Expert ESG - Cisne verde**: o boom do capitalismo regenerativo? 2021. Disponível em: <<https://conteudos.xpi.com.br/expert-esg/o-mundo-muda-gradualmente-ate-o-de-repente-chegar>>/. Acesso em 19 jul. 2024.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Do desaparecimento dos rituais**: Uma topologia do presente. São Paulo: Editora Vozes, 2021.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

PEREIRA, Estevam. ESG representa salto sustentável. **Comunicação Empresarial** – Estudos de Comunicação e Relações Corporativas, São Paulo, ed.07, ano 30, p. 19-20, 2021.

POR QUE O RIO Grande do Sul é tão vulnerável aos extremos do clima? **Revista Veja**, 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/agenda-verde/por-que-o-rio-grande-do-sul-e-tao-vulneravel-aos-extremos-do-clima>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

UM MÊS DE ENCHENTES no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. **G1**, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

52% VEEM MUDANÇAS CLIMÁTICAS como risco imediato, e para 43% riscos ficarão para futuras gerações. **Datafolha**, 2024. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2024/07/52-veem-mudancas-climaticas-como-risco-imediato-e-para-43-riscos-ficarao-para-futuras-geracoes.shtml>>. Acesso em 19 de jul. 2024.

Catastrophe in Rio Grande do Sul, climate change and public opinion

Abstract

The main intention of this article is to provide reflections, albeit introductory, given the short time elapsed since its object and the brief nature of this text, on the floods that hit the State of Rio Grande do Sul in the first half of 2024 and their effects on the formation of public opinion regarding climate change. To this end, were used the theoretical framework of authors such as Arnold van Gennep, Byung-Chul Han, Walter Lippmann and information extracted from journalistic articles.

Keywords

Communication; Public Relations; Climate change.

Como citar

ANDREUCCI, Ana C. P. T. RODRIGUEZ, Marina C. P. Catástrofe no Rio Grande do Sul, mudanças climáticas e opinião pública. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 2, n. 4, 2024, p. 1-10.

Recebido em: 1/7/2024.

Aceito em: 1/8/2024.

